

MATTHEW FITZSIMMONS

“FitzSimmons criou um
sociopata excepcional.”

— *THE WASHINGTON POST*

MORTE
LENTA

MATTHEW FITZSIMMONS

MORTE
LENTA

TRADUÇÃO
FABIO MAXIMILIANO

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2015 BY MATTHEW FITZSIMMONS

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **BARBARA REZENDE**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa © **SILAS MANHOOD PHOTOGRAPHY**

© **YURI_ARCURS | ISTOCKPHOTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FitzSimmons, Matthew

Morte lenta / Matthew FitzSimmons ; [tradução Fabio Maximiliano]. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2017.

Título original: The Short Drop

ISBN 978-85-62409-91-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-00888

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2017

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br

1

GIBSON VAUGHN SENTOU-SE SOZINHO DIANTE DO BALCÃO LOTADO DO

Nighthawk Diner. Era um horário de intenso movimento no café da manhã e os clientes andavam de um lado para outro, esperando conseguir um lugar. Gibson mal notava o crescente ruído de facas e garfos chocando-se contra os pratos e pareceu não perceber que a garçonete trouxe a sua comida. Ele olhava fixamente para a televisão instalada atrás do balcão. O noticiário estava exibindo o vídeo outra vez. Espalhado pelos quatro cantos do país, o vídeo já fazia parte da própria cultura norte-americana — dissecado e analisado ano após ano, mencionado em filmes, programas de televisão e músicas. Como a maioria das pessoas, Gibson havia assistido ao vídeo inúmeras vezes e não conseguia tirar os olhos das imagens mostradas, não importava quantas vezes fossem ao ar. Como ele poderia? Aquilo era tudo o que lhe restava de Suzanne.

O início do vídeo não tinha nitidez, as cenas eram granuladas. O filme parecia entrecortado com as imagens pouco nítidas; linhas distorcidas se acumulavam na tela como ondas batendo em uma praia. Parecia gravado numa fita de vídeo que fora reutilizada várias e várias vezes, com conteúdos sucessivamente gravados por cima dos anteriores.

Feita a partir de uma câmera localizada atrás da caixa registradora, a sequência mostrava o interior do infame posto de gasolina em Breezewood, na Pensilvânia. O vídeo causava tanto impacto nas pessoas porque poderia ser uma cena comum ocorrida em qualquer lugar ou cidade, e com a sua filha. Em sua totalidade, a silenciosa sequência do vídeo de segurança era uma melancólica homenagem à mais importante garota desaparecida dos Estados Unidos — Suzanne Lombard. O horário registrado na gravação era 22h47.

Beatrice Arnold, uma estudante universitária que trabalhava no turno da noite, foi a última pessoa a falar com a jovem desaparecida. Às 22h47, Beatrice estava sentada no alto de uma banquetta atrás do balcão, lendo um exemplar surrado de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Ela seria a primeira pessoa a se lembrar de ter visto Suzanne Lombard e a primeira a entrar em contato com o FBI quando o desaparecimento ganhou as manchetes do noticiário.

Às 22h48, um homem calvo, com cabelo loiro e comprido entrou na loja de conveniência. Na internet, como se descobriria depois, ele usava o apelido de Riff-Raff, mas o FBI o identificou como Davy Oksenberg, um caminhoneiro de Jacksonville com histórico de violência doméstica. Oksenberg comprou carne-seca e Gatorade, pagou em dinheiro e pediu nota fiscal, mas ficou fazendo hora no balcão, flertando com Beatrice Arnold, aparentemente ele não tinha pressa de voltar para a estrada.

Considerado o principal suspeito no caso, Oksenberg foi interrogado repetidas vezes pelo FBI nas semanas e meses que se seguiram ao desaparecimento. Várias buscas foram feitas em seu caminhão, mas nenhum vestígio da garota desaparecida foi encontrado. Com relutância, o FBI concluiu que Oksenberg não tinha envolvimento no caso, mas a essa altura o homem já havia perdido o emprego e recebido diversas ameaças de morte.

Depois que Oksenberg saiu da loja, um sossego absoluto tomou conta do lugar. As coisas permaneceram assim durante o que pareceu ser uma eternidade... E então ela surgiu pela primeira vez no vídeo — a menina de 14 anos, vestindo um agasalho de moletom grande demais para o seu tamanho e um boné de beisebol, com uma bolsa da Hello Kitty pendurada no ombro. Ela tinha estado dentro da loja o tempo todo, em pé, parada no ponto cego da câmera. O que tornava tudo ainda mais estranho era que ninguém sabia dizer ao certo como a menina havia ido parar na loja. Beatrice Arnold não se lembrava de tê-la visto entrar e a câmera de segurança não oferecia respostas para essa questão.

O agasalho pendia do corpo da garota em grandes dobras. Ela era uma frágil sombra de uma jovem pálida. A mídia gostava de comparar o filme em preto e branco com as exuberantes fotografias de família — a sorridente menina loira no vestido azul de dama de honra, a sorridente menina na praia com a mãe, a sorridente menina lendo um livro ou olhando pela janela com ar sonhador. Elas contrastavam fortemente com a garota de semblante sombrio usando boné de beisebol, as mãos enterradas nos bolsos, arqueando o corpo como um animal à espreita dentro de sua toca.

Suzanne perambulava entre as prateleiras de mercadorias, mas sua cabeça estava voltada para a janela da frente. Passaram-se 179 segundos. Através da janela, ela viu algo lá fora que lhe chamou a atenção e sua postura mudou. Um veículo, talvez. Ela apanhou três itens nas prateleiras: bolinhos de chocolate recheados com creme de marshmallow, um refrigerante em lata Cherry Coke e um pacote de balas de alcaçuz *Red Vines*. (Mais tarde, essa combinação ficaria sinistramente conhecida como “Lanche da Garota Desaparecida”). Suzanne também pagou em dinheiro, deixando cair sobre o balcão moedas e notas amarrotadas antes de enfiar suas compras dentro da bolsa.

Os olhos de Suzanne se voltaram para o alto, para a câmera de segurança, que captou seu olhar por um longo momento — uma expressão congelada no tempo e, assim como o sorriso da Mona Lisa, interpretada de mil maneiras diferentes.

Gibson também olhou fixamente para Suzanne, como sempre fazia, esperando que a garota lhe sorrisse tímida, como costumava fazer quando queria contar a ele algum segredo. E esperando que ela lhe contasse o que havia acontecido. Por que ela havia fugido. Em todos aqueles anos desde o desaparecimento dela, Gibson jamais abandonara a esperança de obter uma resposta. Mas a garota no vídeo de segurança não dizia nada.

Nem a ele nem a ninguém.

Por fim, Suzanne puxou a aba do boné para baixo e desviou o olhar para sempre. Às 22h56, ela saiu pela porta e sumiu na noite. Beatrice Arnold havia declarado ao FBI que a garota parecia ansiosa e que seus olhos estavam vermelhos como se ela tivesse chorado. Nem Beatrice nem o casal que abastecia o carro na bomba de gasolina perceberam se ela entrou em algum veículo. Mais um frustrante beco sem saída em um caso cheio de becos sem saída.

O FBI não conseguiu descobrir uma única pista relevante. Nenhuma pessoa jamais se apresentou para reivindicar os 10 milhões de dólares de recompensa oferecidos pela família e por seus apoiadores. Apesar da frenética cobertura da mídia, apesar de seu pai famoso, Suzanne Lombard havia sumido depois de sair do posto de gasolina. O desaparecimento dela já prometia ser um dos eternos mistérios dos Estados Unidos, como os casos de Jimmy Hoffa, D. B. Cooper e Virginia Dare.

O noticiário foi para o intervalo comercial e Gibson soltou o ar, sem se dar conta de que vinha segurando a respiração. A fita de vídeo sempre o deixava arrasado. Por quanto tempo mais eles continuariam exibindo aquilo? Nenhum avanço havia sido feito no caso de Suzanne durante anos. Daquela vez, a grande história era que Riff-Raff tinha cortado o cabelo e obtido um título universitário enquanto cumpria pena na prisão por posse de drogas. A internet, em sua infinita irreverência, rebatizou-o de Professor Riff-Raff e de Raff 2.0. De qualquer maneira, tudo não passava de uma reedição piegas do que todos já sabiam — ou seja, nada.

Porém o décimo aniversário do desaparecimento dela se aproximava e isso significava que as emissoras de televisão continuariam levando ao ar suas retrospectivas. Não parariam de explorar a memória de Suzanne. E continuariam a mostrar insistentemente qualquer pessoa que tivesse uma ligação, por mais insignificante que fosse, com a família ou com o caso. E encenariam suas reconstituições de mau gosto no posto de gasolina de Breezewood e usariam um programa de computador para simular a atual aparência de Suzanne.

Assistir às simulações era sobretudo difícil para Gibson. Suzanne contaria agora 24 anos e provavelmente já teria se formado. As imagens o estimulavam a imaginar a

vida que a garota poderia ter vivido. Em que lugar ela poderia estar morando. A carreira que ela escolheria — algo relacionado a livros, sem dúvida. Ele sorriu diante desse pensamento, mas seu sorriso logo se apagou. Não era saudável. Já não era hora de dar a ela um pouco de paz? De dar a todos eles um pouco de paz?

— Que coisa inacreditável — disse o homem ao lado de Gibson, olhando para a televisão.

— Sem dúvida — respondeu Gibson.

— Eu me lembro de onde estava quando soube pela televisão que ela havia desaparecido: em um quarto de hotel em Indianápolis, viajando a negócios. Lembro como se tivesse sido ontem. Tenho três filhas. — O homem deu três batidas leves no balcão de madeira para espantar o azar. — Eu me sentei na beirada da cama e fiquei assistindo por um bom tempo. Simplesmente terrível. Pode imaginar o que é passar dez anos sem saber se a sua menininha está viva ou morta? É sofrimento demais para uma família suportar. Lombard é um homem bom.

A última coisa que Gibson desejava era se envolver em uma discussão sobre Benjamin Lombard. Ele fez um aceno com a cabeça em sinal de concordância, esperando pôr um ponto final no assunto, mas o homem não iria se acanhar com tanta facilidade.

— A questão é: se um canalha doente pode sequestrar a filha do vice-presidente e se safar disso sem ser punido, que esperança há para o resto de nós?

— Bem, ele não era vice-presidente na ocasião.

— Sim, claro, mas ainda assim era um senador. Isso não é pouca coisa. Ou você acha que Lombard não tinha autoridade sobre os agentes federais já naquele tempo?

Na verdade, Gibson sabia em primeira mão quanta influência Lombard exercia e sabia muito bem que o homem adorava exercer esse poder. O vice-presidente Benjamin Lombard era outro assunto no qual ele tentava não pensar.

— Eu acho que ele daria um bom presidente — o homem continuou. — Para conseguir se recuperar de um golpe desses? Conquistou o cargo de vice-presidente quando a maioria das pessoas no lugar dele teria jogado a toalha. E agora está empenhado na disputa pela presidência! Isso exige uma força que não dá nem pra imaginar.

Após dois mandatos como vice-presidente de um presidente estimado pela população, Lombard já dava como certo que sua candidatura seria lançada; a convenção em agosto não passaria de mera formalidade, uma espécie de coroação. Mas Anne Fleming, a governadora da Califórnia, havia surgido de repente na disputa e parecia decidida a tirar votos do seu oponente. No momento, os dois estavam virtualmente empatados. Lombard tinha mais votos de delegados e ainda era o favorito, mas Fleming o fazia trabalhar duro para manter a vantagem.

Em um ano de eleição, o décimo aniversário do desaparecimento de Suzanne tinha, estranhamente, ajudado a impulsionar a campanha de Benjamin Lombard. Mas não era a primeira vez que isso acontecia: promover a Lei Suzanne no Senado o tornou conhecido no cenário nacional. Claro que Lombard se recusava com elegância a falar sobre sua filha. O cínico argumentava que não era necessário, já que a mídia fazia isso por ele o tempo todo. Além disso, podia contar com a sua esposa. Os esforços incessantes de Grace Lombard em benefício do Centro para Crianças Exploradas e Desaparecidas haviam sido fartamente divulgados na televisão durante as eleições primárias. Grace era tão popular quanto seu poderoso marido, talvez até mais.

— Se ele for indicado como candidato, vai ter o meu voto em novembro — disse o homem. — Não ligo a mínima para os outros concorrentes. Vou votar nele.

— Tenho certeza de que ele será grato por isso — Gibson comentou, apanhando o catchup. Ele entornou uma porção generosa da massa vermelha no canto do seu prato, adicionou ao alimento um pouco de maionese e passou a mistura em suas batatas fritas raladas, como o pai lhe havia ensinado quando era garoto. Nas palavras imortais de Duke Vaughn: “se você não tem nada de bom para dizer, encha a boca com um belo pedaço de alguma coisa e mastigue devagar”.

Tanta sabedoria em uma simples frase.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM FEVEREIRO DE 2017